ARTIGO DE PESQUISA

Circulação territorial: fundamentos conceituais e epistemológicos na Geografia

Territorial circulation: conceptual and epistemological foundations in Geography

Circulation territoriale : fondements conceptuels et epistemologiques en Geographie

ANA PAULA CAMILO PEREIRA

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

SANDRA LENCIONI

Universidade de São Paulo (USP)

Recebido em: 30/01/2026
Aprovado em: 11/05/2026
Editora responsável: Grace B. Alves

Como citar (ABNT)
CAMILO PEREIRA, Ana Paula; LENCIONI, Sandra. Circulação territorial: fundamentos conceituais e epistemológicos na Geografia. Revista da ANPEGE, [S. l.], v. 22, n. 47, e21139, 2026. DOI: 10.5418/ra2026.v22i47.21139. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/21139. Acesso em: XX mês abreviado 20XX.

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY – permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

A Revista da ANPEGE não se responsabiliza por opiniões, ideias e conceitos emitidos pelos autores dos textos, assim como por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que atendem as políticas editoriais e que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela utilização de fotos, imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

RESUMO: A circulação territorial constitui um conceito basilar na Geografia, definindo-se como a ação que gera movimento, deslocamento e mobilidade em diferentes sentidos, carregando consigo informações. Para além do entendimento de que a circulação territorial se resume ao ato de ir e vir, ao fluxo contínuo e ao percurso, a proposta deste artigo é compilar esforços para contribuir com a conceitualização da circulação territorial, promovendo reflexões epistemológicas que auxiliem na compreensão da realidade socioespacial e que superem a interpretação restrita do termo como simples soma de deslocamentos. Circular também é comunicar, sendo uma dinâmica inerente à transmissão da comunicação. Outro eixo analítico crucial é a indissociabilidade entre fluxos e fixos. Assim, a circulação é um componente central na reprodução e realização do capital integrada à valorização capitalista, à compressão espaço-tempo, e envolve agentes, escalas e lógicas. Desse modo, as diferentes perspectivas apresentadas buscam enriquecer o conceito ao evidenciar que a circulação territorial, no âmbito geográfico, é um componente essencial na organização do espaço e um mecanismo estruturante da reprodução capitalista. Integrando o material e o imaterial, o conceito revela-se fundamental para a interpretação do desenvolvimento econômico e da hierarquia e integração desigual das e nas diferentes escalas territoriais.

Palavras-chave: Circulação territorial; Geografia; Comunicação; Fluxos; Fixos.

ABSTRACT: Territorial circulation constitutes a foundational concept in Geography, defined as the action that generates movement, displacement, and mobility in different directions, carrying information with it. Beyond the understanding that territorial circulation reduces to going and coming back, to continuous flow and to the journey, our proposal is to contribute to the conceptualization of territorial circulation, promoting epistemological reflections that aid in understanding socio-spatial reality while surpassing the restrictive interpretation of the term as a sum of displacements. To circulate is also to communicate, being a dynamic inherent to the transmission of communication. Another crucial analytical axis is the inseparability

between flows and fixes. Thus, circulation is a central component in the reproduction and realization of capital, integrated with capitalist valorization, space-time compression, involving agents, scales, and logics. In this way, different perspectives seek to enrich the concept by evidencing that territorial circulation, within the geographical scope, is an essential component in the organization of space and a structuring mechanism of capitalist reproduction. Integrating the material and the immaterial, the concept reveals itself as fundamental for interpreting economic development and the hierarchy and unequal integration of and within different territorial scales.

Keywords: Territorial Circulation; Geography; Communication; Flows; Fixed Elements.

RÉSUMÉ : La circulation territoriale constitue un concept fondamental en Géographie, se définissant comme l'action de mouvement, le déplacement et la mobilité dans différents sens, portant avec elle des informations. Au-delà de la compréhension selon laquelle la circulation territoriale se résume à l'aller et au retour, au flux continu et au parcours, nous proposons de contribuer à la conceptualisation de la circulation territoriale, en promouvant des réflexions épistémologiques sur la réalité socio-spatielle qui dépassent l'interprétation de somme de déplacements. Circuler, c'est aussi communiquer, une dynamique inhérente à la transmission de la communication. Autre axe analytique crucial : l'indissociabilité entre flux et fixes. Ainsi, la circulation est un composant central dans la reproduction et la réalisation du capital, intégrée à la valorisation capitaliste, à la compression spatio-temporelle, impliquant des agents, des échelles et des logiques. De ce fait, les différentes perspectives enrichissent le concept en mettant en évidence que la circulation territoriale, dans le cadre géographique, est un composant essentiel dans l'organisation de l'espace et un mécanisme structurant de la reproduction capitaliste. Intégrant le matériel et l'immatériel, le concept se révèle fondamental pour l'interprétation du développement économique et de la hiérarchie et de l'intégration inégale des et dans les différentes échelles territoriales.

Mots-clés : Circulation Territoriale ; Géographie ; Communication ; Flux ; Fixités.

Introdução

A noção de circulação territorial remete a uma forma particular de movimento caracterizado pelo deslocamento de um ponto a outro, pela realização de um percurso ou pela execução de um trajeto, itinerário ou circuito. Essa noção se faz presente em alguns campos do conhecimento e é basilar na Geografia, o que nos motiva a apresentar algumas reflexões sobre sua epistemologia, uma vez que estas podem auxiliar na compreensão da realidade.

No que se refere à etimologia, circulação tem origem no latim *circulatio*, *-ōnis*, que designa movimento circular, rotação, órbita. Deriva da palavra *circulus* que tem o sentido de "círculo, roda, volta", complementado pelo sufixo *-tio/-tionis*, que corresponde à ação ou efeito de mobilizar-se, mover-se ou circular.

Do ponto de vista lexicográfico, circulação, por extensão, pode ser entendido sob diferentes prismas, não só restrito a movimento circular. Pode ter o sentido do ato de ir e vir, de movimentação contínua de pessoas ou coisas, de fluxo, de curso, de marcha, de deslocamento, de passar de mão em mão, dentre outros significados. Já no âmbito figurativo pode, por exemplo, significar transmissão e propagação de ideias e informações.

Tendo como base esse raciocínio, antes de avançar na discussão, é importante sinalizar que ao entendermos a circulação como um fundamento conceitual e epistemológico elementar à Geografia, cabe destacar, preliminarmente, a diferença, entre os seguintes elementos: noção, termo e conceito.

Para isso, partiremos de noções gerais, passando pela ideia de circulação entendida como termo, ou seja, como forma preliminar de definição e, posteriormente, discutiremos sua essência enquanto conceito na perspectiva teórica e epistemológica. Assim, temos na Antiguidade grega, Aristóteles (1992), no Século das Luzes, Kant (1994) e na época moderna, Frege (1978) as articulações históricas das distinções entre noção, termo e conceito que ampara nosso objetivo de entendimento maior que é a conceitualização.

A distinção fundamental entre os três elementos reside no nível de precisão cognitiva e na sua natureza (mental ou linguística). Noção é definida com um sentido mais vago ou intuitivo sobre algo, caracterizando-se por ser espontânea, aproximada e imprecisa. Na visão aristotélica, representa um conhecimento inicial ou empírico que antecede a formulação de uma ideia rigorosa, sendo considerada o ponto de partida do pensamento.

O termo pertence ao domínio da linguagem, sendo a palavra ou expressão linguística utilizada para designar um conceito, ou seja, vem antes da formulação do conceito. Sua função é permitir que a ideia abstrata do conceito seja comunicada, atuando como o símbolo linguístico do conceito. Desse modo, o termo é a forma verbal ou o sinal do pensamento. Com isso, a lógica tradicional estabelece essa relação hierárquica: a noção e o termo (a palavra) estão na linguagem e expressam o conceito (o pensamento), que por sua vez se refere ao objeto.

O conceito é a ideia ou representação mental que capta a essência ou as características fundamentais de um objeto, tem em sua natureza uma substância intelectual e abstrata e é o resultado de um pensamento analítico, que conduz à formulação de uma definição rigorosa. O conceito, que existe exclusivamente no pensamento, é o conteúdo do pensamento, distinguindo-se da noção, que pode ser vista, na perspectiva kantiana, como derivada apenas da experiência empírica. Por fim, na perspectiva freginiana, enquanto a noção é o sentido vago, uma forma de apresentação de uma ideia, o termo é a palavra que nomeia essa ideia, um veículo de linguagem, e o conceito é o conteúdo da ideia precisa, ou seja, uma entidade objetiva, lógica.

Dadas estas distinções, de maneira mais abrangente, circulação como noção aparece, em alguns contextos, associada ou mesmo substituída por expressões como mobilidade, deslocamento, migração ou movimento.

Em linhas gerais, circulação é entendida enquanto termo como sendo o conjunto de deslocamentos que se constitui em um dos principais aspectos que estruturam as dinâmicas socioespaciais. Esse conjunto distingue-se por apresentar caráter múltiplo, podendo ser, em geral, não linear, contínuo, recorrente etc. e, frequentemente, marcado pelo retorno. Ressalta-se que,

por longo período, a circulação foi concebida de forma restrita, sendo reduzida à mera soma de deslocamentos, de mudanças, de transferências ou de viagens entre pontos distintos.

Avançando e ampliando estas perspectivas, passamos, então, para a constituição conceitual. Em primeiro lugar, convém chamar atenção para o fato de que a referência à circulação se integra a um amplo conjunto de temáticas teóricas e investigativas que envolvem inúmeras e diferentes dimensões. A *priori*, para ficar no campo da Geografia, associamos frequentemente a circulação aos fenômenos migratórios, aos movimentos pendulares, tanto pretéritos quanto contemporâneos.

No campo físico-natural é frequentemente utilizado na observação da movimentação das águas, das correntes marítimas e das atmosféricas, como circulação. Já na Geografia econômica e regional, esse termo é fundamental na análise das dinâmicas de transporte, de mercadorias, de serviços e de trocas comerciais e bancárias, entre outras competências específicas.

Outrossim, é importante ressaltar que, a análise da circulação não se limita aos deslocamentos, uma vez que envolve uma multiplicidade de agentes, escalas e lógicas que os conformam. Nesse sentido, Huertas (2013) contribui para este entendimento ancorado em uma perspectiva marxista, destacando que o conceito de circulação transcende o mero deslocamento físico, sendo compreendido como o movimento dinâmico de fluxos que articula a produção, o consumo e a organização do território.

Reúne-se a isso o papel cada vez mais central dos meios de transporte, da comunicação, das redes, fatores estes progressivamente mais tecnológicos, velozes e instantâneos, os quais demandam, intensificam e aceleram os fluxos, na redefinição dos padrões de circulação. Com isso, a circulação, no decorrer do tempo, ganhou, ainda, novos atributos, sejam estes tangíveis ou intangíveis, diretos ou indiretos, fugazes ou efêmeros etc. que, de uma forma ou de outra, relevam outros predicados à circulação, na contemporaneidade.

É nesse horizonte que se insere e que pretendemos chegar na discussão desse conceito, a saber adjetivado e por nós denominado de: circulação territorial. Sem a pretensão de estabelecer uma definição categórica e imperiosa para a ideia de circulação territorial, objetiva-se nesse artigo, compilar esforços para contribuir com os estudos voltados à sua conceitualização.

Para isso, adota-se um referencial teórico comprometido com o entendimento de que, a princípio, a circulação é entendida como a ação que gera movimento, deslocamento, mobilidade, efeito de circular em diferentes sentidos, carregando consigo informação, seja relativa a elementos materiais ou imateriais, cujos fluxos dependem dos fixos[1], entendidos como infraestruturas, equipamentos, sistemas técnicos, bases materiais.

Enquanto processo territorial, a ação geradora da circulação produz consequências de várias naturezas: socioespaciais, econômicas, culturais, demográficas, rastros tecnológicos, metadados de atividades sistêmicas etc., que se expressam nas interações espaciais, nas dinâmicas territoriais, no desenvolvimento econômico e na integração regional, nas informações de bancos de dados que delas resultam, mostrando o potencial da circulação, conforme já destacado pelo geógrafo francês, Wolkowitsch (1973, p. 340), que diz que "a conquista de um espaço geográfico está estritamente ligada as possibilidades da circulação".

Nesse sentido, ao refletir sobre as possibilidades da circulação, é inerente entender que circular não se restringe unicamente à ação do deslocamento, do movimento pleno de ir e vir; circular também é comunicar. Em outras palavras, o ato de circular não está circunscrito indubitavelmente às pessoas, às mercadorias, ou seja, aquilo que requer um entendimento do que é material para se movimentar de forma perceptível.

[1] Com base em Santos (1996, p. 77): "O espaço, é também e sempre, formado de fixos e de fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Os fixos geram fluxos e os fluxos geram fixos."

A comunicação tem sua ação circulatória, sendo, neste artigo, essencial deixá-la clara, destacando que a circulação é uma dinâmica imanente de transmissão da comunicação, seja esta de natureza social, espacial, temporal, comunicacional ou todas estas associadas. Somada a esta compreensão destacam-se as ideias de Silva Junior (2012), que ao tratar da circulação defende que a indissociabilidade entre os fluxos materiais (transportes) e imateriais (comunicações e informações).

Diante destas premissas introdutórias, que demarcam o objetivo do presente artigo, reforçamos que a proposta é aprofundar a compreensão da circulação territorial como um conceito basilar na Geografia que se manifesta como movimento, percurso, deslocamento e transmissão com intencionalidades de múltiplos efeitos. Para tanto, o texto está dividido em duas seções interconectadas, mais as considerações finais.

Para além da introdução, a segunda seção, denominada "Por uma leitura geográfica da circulação territorial", inicia a reflexão buscando qualificar a circulação territorial pela sua dimensão espacial, mas com o intuito de superar a redução do conceito a meros fluxos entre pontos. O foco é expandido para as práticas sociais e comunicacionais no tempo e no espaço que envolvem o movimento, inserindo-se no contexto teórico da "fluidificação do mundo", em que as relações sociais que antes se apresentavam sólidas, cedem lugar para as progressivamente fluídas.

Essa concepção sociológica permite analisar criticamente a circulação contínua de pessoas, ideias, capitais e informações, revelando, contudo, que essa mobilidade é distribuída de forma desigual pelo território gerando fenômenos como, por exemplo, da hipermobilidade e da mobilidade forçada. Por isso, reforça-se que à medida em que ocorre a circulação, independentemente daquilo que circula, também há um processo de comunicação, já que a circulação também comunica e esta, igualmente, circula.

A terceira seção, intitulada "A circulação territorial como expressão da indissociabilidade dos fixos e fluxos e a lógica do capital", avança na análise ao examinar os suportes materiais que tornam a circulação possível. Nesta parte, são abordadas as infraestruturas como fixos estratégicos que, em interação com os fluxos, asseguram a fluidez da circulação, condição básica para a dinâmica territorial contemporânea. A abordagem então se volta para como essa circulação fluida é inerente à reprodução e realização do capital, integrando-se à lógica de valorização capitalista, funcionando como um fator determinante na diferenciação geográfica e na hierarquização desigual dos territórios.

2 Por uma leitura geográfica da circulação territorial

Propõe-se iniciar esta reflexão sobre circulação qualificando-a pelo adjetivo "territorial", recorrendo aos geógrafos franceses Brunet, Ferras e Théry (1992), que no Dicionário Crítico das Palavras da Geografia, definem circulação como:

> Ação de circular; de "cercle" (círculo), como para definir o fechamento dos circuitos. Conjunto das atividades de deslocamento no espaço e de troca física de pessoas ou de bens. Estendido aos "invisíveis": circulação da moeda, da informação. A geografia da circulação estuda as redes, as trajetórias e a amplitude dos fluxos, assim como as infraestruturas da circulação (1992, p. 107-8).

Com base na definição dos autores, importa ressaltar que estes destacam a circulação por meio de um verbo, ou seja, a ação de "circular", atribuindo-lhe ainda a ideia de deslocamento de pessoas, bens, moeda (capital) e da informação. Enfatiza-se ainda que o conteúdo da acepção de circulação dada pelos autores alcança estudos vinculados às redes, aos trajetos, aos fluxos e também às infraestruturas.

Esta citação inicia-se como preâmbulo de discussão desta análise, já que se anui com os autores que a circulação territorial se alicerça no movimento de deslocamento no espaço numa determinada fração de tempo.

Nesse sentido, acresce-se que a abordagem proposta busca ultrapassar a interpretação da circulação como sendo um movimento estritamente relacionado a meros fluxos que se dão nos itinerários. Além do mais, essa perspectiva leva a refletir sobre a própria experiência do movimento, atribuindo significado ao tempo de circulação, ao que circula apenas materialmente, à sua dimensão, aos efeitos que produz nos territórios e às expressões que revelam. Nesse sentido, a conceitualização proposta,

a de circulação territorial, designa a valorização das práticas, das interações, da comunicação e dos processos de integração em movimento, de maneira mais aprofundada e crítica.

Quando tratamos da circulação territorial e procuramos uma definição mais sistematizada para tal, nosso objetivo está em apreender o poder do significado e das dimensões geográficas que este conceito tem carregado nesta era globalizada. Tal propósito se constitui, uma vez que se entende que os fluxos atravessam instantaneamente o planeta em segundos e a circulação mostra-se imperiosa na organização do espaço integrando regiões.

Desse modo, esses fluxos promovem a centralização do comando das ações, ao mesmo tempo que, desconcentram as atividades produtivas permitindo a conectividade dos territórios, bem como a redução das distâncias material e/ou imaterial entre as pessoas, coisas, ideias, capital, informação etc. Nesse sentido, Wolkowitsch (1973, p. 340), ao tratar da circulação e do espaço, reflete que: "A circulação é um meio de tomar posse do espaço e assegurar sua organização".

Ao contextualizar a circulação e sua articulação com as relações de poder, direciona-se o entendimento desse poder para sua capacidade de gerar sentidos e promover a disseminação de fluxos, seja de pessoas, mercadorias, ideias ou capital. Desse modo, a circulação é o prisma conceitual produtivo para compreender que ela possibilita conexões, mesmo quando se está parado. Por exemplo, quando uma informação circula pelas redes sociais, estabelecem-se relações. Em outras palavras, o poder da circulação está também associado à transmissão de informações, signos, símbolos etc. Toda mudança na forma de nos relacionarmos tem sido impulsionada pela tecnologia e pelas redes de conexão, transformando a maneira como circulam mensagens, imagens, negócios, relações pessoais, atividades de trabalho, produtos e transações financeiras.

Clozier (1963, p. 17), geógrafo francês, também infere sobre o poder da circulação. Destaca o papel da "Geografia da Circulação", enfatizando-a como uma disciplina de síntese específica do geógrafo. Assim, considera que esta disciplina deve se concentrar em reunir e sintetizar diferentes dados, compreendendo-os em sua interdependência e em suas relações com as condições físicas e humanas, de modo a revelar o complexo jogo de interconexões que caracteriza o fenômeno da circulação. Esse processo insere-se em um contexto técnico-econômico que pode ser denominado "economia dos transportes", perspectiva considerada fundamental para o reconhecimento da circulação e que foi central no desenvolvimento da Geografia da Circulação nos meados do século XX.

Silva Junior (2012) ao analisar a evolução epistemológica do conceito de circulação dentro da ciência geográfica, enfatiza o tratamento acrítico e superficial a que a circulação obteve ao longo do tempo. Nesse mérito, o autor sinaliza para a unificação desses elementos sob a terminologia de Geografia da Circulação, visando uma compreensão mais profunda do uso corporativo e político do território, defendendo ainda a circulação deve ser compreendido como um elemento fundamental no processo de produção do espaço geográfico e não apenas como um mero deslocamento técnico ou funcional.

Nessa direção, Clozier (1963) sustenta que o principal objetivo das pesquisas geográficas sobre o tema consiste em identificar como, em diferentes regiões, os homens organizam os transportes, ajustando-os em suas necessidades, em suas técnicas e em seus estágios de circulação. Trata-se, portanto, de apreender a realidade convergente a partir dos mais diversos modos de circulação, considerando para isso a complexidade, a complementaridade e a concorrência que tendem a se intensificar à medida que as sociedades e suas economias se expandem.

Ainda para o autor: "A circulação não é um fim em si mesma; ela responde à mobilidade das pessoas e ao movimento das mercadorias e, de forma mais geral, a um sistema de produção [...] (Clozier, 1963, p. 15). Ao concordar com o autor, soma-se, que, na contemporaneidade, a circulação passa a ter novos sentidos, que se complementam, deixando de ser vista somente como um simples trajeto ou uma instância de acesso, passagem ou caminho que se associa unicamente aos transportes.

Nesse mérito, a estrutura analítica feita pelo autor estuda os "fatos da circulação", que nos parece mais abrangente, já que se refere ao conjunto de dados, eventos, processos e infraestruturas relacionados à mobilidade dos homens e ao movimento

das mercadorias. Corrobora com esta abordagem o entendimento de Huertas (2013, p.10) de que "o espaço também se impõe por meio das condições que oferece a circulação".

Acompanhando esse raciocínio, ressalta-se as abordagens do geógrafo franco-alemão Hückel (1907), que ao examinar as concepções presentes na obra de Ratzel "La Géographie de la Circulation", destaca que, na perspectiva ratzeliana, a circulação constitui o principal agente do desenvolvimento dos Estados, pois é considerada o motor fundamental para o crescimento e o poder das nações, estabelecendo as bases para sua organização. Além disso, a circulação é concebida como uma ferramenta de poder essencial, servindo de alicerce para as vias de comunicação e evidenciando os esforços de centralização e expansão das grandes potências. Em outras palavras, a circulação é entendida como um instrumento de poder intrinsecamente político e estratégico, crucial para apoiar projetos imperialistas estatais.

Por isso, entender que tudo que circula carrega consigo uma informação, seja o que for que está circulando, há comunicação daquilo que está sendo movido (ainda que quem proceda a ação esteja parado). Nessa relação, concebe-se a importância do poder da técnica, da ciência e da informação. Essa compreensão dialoga com reflexões de Santos (1996), que enfatiza o papel da informação na redefinição dos fluxos e do comando territorial.

> Nesta nova fase histórica, o Mundo está marcado por novos signos, como: a multinacionalização das firmas e a internacionalização da produção e do produto; a generalização do fenômeno do crédito, que reforça as características da economização da vida social; os novos papéis do Estado em uma sociedade e uma economia mundializadas; o frenesi de uma circulação tornada fator essencial da acumulação; a grande revolução da informação que liga instantaneamente os lugares, graças aos progressos da informática (Santos, 1994, p. 123)

Na atualidade, os estudos sobre circulação territorial têm avançado, dado que tendem a se associarem à prática social. No Brasil, temos como exemplo Corrêa (1997, p. 279) para quem: "as interações espaciais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico". Nesta concepção, entendemos que a circulação ocorre e permite a relação das interações espaciais, ou seja, a materialização da prática social e espacial se realiza mediante a efetivação da circulação.

Soma-se a esta compreensão sobre as interações espaciais promovidas pela circulação territorial, as ideias de Edward Ullman, que de acordo com Catão (2010, et al) está relacionada a ideia dos fluxos. Nesse sentido, as interações espaciais são manifestações físicas e imateriais da conexão entre lugares, funcionando como um suporte para entender como diferentes pontos do espaço se articulam e dependem uns dos outros.

Assim, Stock (2005), geógrafo belga, oferece uma leitura sobre a circulação, que a reconhece, como lhe sendo inerente, a repetição e o retorno. Seus estudos se inserem no campo da mobilidade, com ênfase na experiência e nas trajetórias individuais e coletivas, o que faz com que essa abordagem incorpore a relação da circulação com elementos como fluxos, redes, interações espaciais e infraestruturas, que lhe conferem dinamicidade e contribuem para o ordenamento territorial. Stocks (2005, p. 5) observa que: "a "sociedade é composta por indivíduos móveis"; e a circulação é a expressão desta sociedade, em que tudo se faz mover, deslocar, pois esta constitui uma condição inerente ao ser humano.

Estas analogias nos remetem à compreensão de que a interação espacial também é produto da circulação. A circulação, na medida em que é materializada, fazendo a transferência de pessoas, mercadorias, capital, informação; seja por meio de qualquer modal de transporte ou ainda, por meios intangíveis, como por redes de comunicação, está gerando comunicação, está mobilizando fluxos por meio de fixos que permitem o acesso, o percurso e a transferência.

As análises do autor levam em conta, também, o contexto social no qual se dá a circulação, aproximando-se, nesse ponto, da teoria desenvolvida pelo sociólogo inglês Urry (2007). Resgatamos esse autor cuja reflexão sobre a sociedade contemporânea enriquece a concepção de circulação territorial ao propor a ideia de uma "fluidificação do mundo", em que as relações sociais estáveis cedem lugar, progressivamente, às fluidas, às inconsistentes, baseadas no novo paradigma da mobilidade.

Essa ideia de ‘fluidificação do mundo’ busca expressar um novo momento, um novo tempo em que há uma verdadeira “virada da mobilidade” (mobilities turn) (Urry, 2007). Nele se reconhece a existência de redes de pessoas, de ideias e de coisas em movimento, numa circulação incessante. Em outras palavras, essa fluidificação se dá numa sociedade global composta por fluxos constantes de indivíduos, imagens, signos, capitais e objetos em permanente mobilidade, que em nossa leitura podem ser entendidos como em circulação contínua, sucessiva e intensa mediada por redes sociotécnicas cada vez mais complexas e articuladas à órbita, do que Santos (1996) chama de meio técnico científico-informacional.

A concepção de Urry (2007) concentra-se na análise do paradigma da mobilidade, ressaltando que a existência de uma combinação reticular dinâmica entre diferentes pontos implica que esta esteja em constante movimento e em circulação, configurada por fluxos permanentes em um campo multidimensional condicionado por fixos que possibilitam os fluxos, sejam esses tangíveis ou intangíveis. Contudo, essa mobilidade não se distribui de maneira uniforme, mas sim de forma desigual pelo território.

Em outras palavras, Urry (2007) entende a circulação de forma desigual, inclusive do ponto de vista social. Enquanto, por exemplo, alguns desfrutam de hipermobilidade (executivos globais, turistas internacionais), outros sofrem mobilidade forçada (refugiados, populações marginalizadas). Assim, hipermobilidade e mobilidade forçada tornam-se elementos centrais para se compreender a inclusão, a exclusão e a desigualdade que a própria circulação pode promover de forma desigual.

Essa leitura se aproxima da reflexão de Santos (1996), para quem a dinâmica espacial resulta da integração entre fixos (infraestruturas, equipamentos, sistemas técnicos, bases materiais) e fluxos (pessoas, mercadorias, capitais, informações). Os fluxos são constantemente transformados pelos fixos, que condicionam, possibilitam e, ao mesmo tempo, também limitam os fluxos.

A desigualdade presente no paradigma da mobilidade observada por Urry (2007) encontra eco na análise de Santos (1996), na medida em que a distribuição desigual dos fixos como transportes, comunicações e tecnologias, incide em quem pode circular com fluidez e quem permanece imobilizado, revelando como o território se constitui em espaço de contradições e de seletividade.

Avançando para além da concepção de circulação territorial restrita ao deslocamento de indivíduos e objetos mediados por uma economia dos transportes e pelas interações geradas, propomos, ainda, entender a circulação como um componente essencial da própria organização dos territórios. Parte-se, assim, do princípio de que “a circulação é uma das bases de diferenciação geográfica” (Arroyo, 2001, p. 52). Essa diferenciação manifesta-se de forma incontornável, seja sob a perspectiva econômica, política ou espacial, evidenciando o papel estruturante da circulação nos processos de produção, ordenamento e funcionamento territorial, nos quais os fixos assumem importância fundamental e, por conseguinte define tal diferenciação.

3 A circulação territorial como expressão da indissociabilidade dos fixos e fluxos e a lógica do capital

O processo de formação e organização do território envolve, de maneira indissociável, a circulação em suas múltiplas dimensões, a qual demanda fixos e fluxos. Destarte, a circulação territorial deve ser entendida em um processo mais amplo, resultante do entrelaçamento de diferentes movimentos, no qual as infraestruturas voltadas à mobilidade, em suas várias naturezas, se estabelece como condição essencial não apenas da dinâmica da circulação, mas também do ordenamento territorial e das escalas territoriais.

Sob tal abordagem, depreendemos que a infraestrutura, ao mesmo tempo em que viabiliza os fluxos, constitui-se como um fixo estratégico na lógica territorial, integrando-se aos fluxos de pessoas, mercadorias, capitais e informações e, por isso, exercendo papel central na configuração das dinâmicas espaciais e na reprodução do sistema econômico em todas as suas escalas.

Urry (2007) parte do entendimento da infraestrutura como promotora do poder. Para o autor, as infraestruturas são sistemas globais complexos e interdependentes. Contudo, essas grandes estruturas materiais, como cabos submarinos de internet, redes elétricas, linhas de metrô, aeroportos, cabos de fibra ótica, satélites, antenas de telefonia, oleodutos e indústria só são viáveis porque dependem de um mundo fixo e estável e, paradoxalmente, sustentam a fluidez dos fluxos globais.

É precisamente a interação entre fixos e fluxos que assegura a fluidez, condição indispensável para a dinâmica territorial contemporânea. Santos (1996) argumenta que a circulação é indissociável do meio técnico-científico-informacional, no qual os sistemas técnicos, a ciência e a informação se combinam para garantir a fluidez exigida pelo capital em escala mundial. Em diálogo com essa leitura, Harvey (2006) acrescenta que a lógica da valorização capitalista se apoia em um processo de compressão espaço-tempo, no qual as inovações nos transportes e nas comunicações reduzem as distâncias relativas, aceleram os fluxos e reconfiguram os territórios segundo as exigências da acumulação.

No contexto espacial contemporâneo, a circulação territorial relaciona-se diretamente à lógica da mobilidade, ou seja, dos mais diferentes movimentos, sejam estes materiais ou imateriais, que se revelam essenciais à contínua reprodução do capital. Como enfatiza o geógrafo argentino Blanco (2015, p. 20): “a circulação é um componente central do processo de realização do capital e as características que o momento da circulação assume são essenciais para determinar essa valorização.”

Agrega-se ainda a abordagem de Silva Junior (2012) para quem a circulação é entendida como uma ação transformadora que, ao acelerar os fluxos e reduzir as distâncias temporais, reconfigura constantemente as relações sociais e a organização do território.Em outras palavras, a circulação não apenas dinamiza o espaço geográfico, mas se converte em elemento estruturante do próprio processo de valorização e acumulação capitalista, condicionando a forma como os territórios se articulam e se diferenciam na economia global. Isso ocorre porque, ao circular, se comunica. Mas a circulação também não ocorre ao mesmo tempo em todos os lugares, portanto, a realização do capital não se dará da mesma forma em todos os lugares e ao mesmo tempo, diferenciando-os na lógica da integração da economia global.

Ao sintetizar as contribuições dos teóricos discutidos neste texto, em articulação com outros conceitos geográficos essenciais à compreensão do tema, constata-se que a circulação territorial constitui um conceito que transita por diferentes campos do conhecimento científico. No entanto, no âmbito da Geografia, manifesta-se de modo mais evidente como expressão da fluidez territorial, revelando as dinâmicas que estruturam e reorganizam o espaço a partir dos fluxos e das interações entre seus diversos elementos.

Assim, na busca por uma definição conceitual que sustente essa abordagem, retomamos Brunet, Ferras e Théry (1992, p. 197) que assim definem: “A circulação é o conjunto de deslocamentos que asseguram a comunicação entre lugares e pessoas”. Complementamos ainda com a explicação sintética de Pini (1995, p. 140), para quem a circulação constitui “a manifestação tangível sob a forma de fluxos de mercadorias, pessoas, capitais, ideias, informações e relações entre as ligações”.

Essa perspectiva evidencia que a circulação territorial deve ser compreendida não apenas como deslocamento físico, mas como processo multidimensional, no qual se entrelaçam aspectos materiais e imateriais, técnicos e sociais, que estruturam e dinamizam a organização dos territórios.

Com base na conceituação de circulação proposta por Pini (1995), entende-se que a intensificação das interações espaciais e de seus processos de integração exigem que seus efeitos se manifestem por meio da circulação de pessoas, mercadorias, capitais e informações. Desse modo, nosso ponto de vista é o de que a circulação se realiza plenamente quando associada ao caráter de movimento, quando envolve práticas socioespaciais que produzem implicações territoriais e geram relações capazes de transformar os espaços nas mais diferentes escalas territoriais possíveis. Nesse sentido, a circulação deve ser reconhecida como parte constituinte da evolução humana e das transformações espaciais, pois se concretiza tanto nos atos quanto nos efeitos de circular, sejam materiais ou imateriais que estão postos em movimento.

A materialidade e a imaterialidade da circulação territorial derivam de sua própria dinâmica, produzida pelos meios de transporte e comunicação, os quais estão diretamente associados às inovações tecnológicas e ao ritmo temporal que regula as relações entre territórios e agentes hegemônicos. Logo, compreender a circulação implica considerar elementos indissociáveis numa análise geográfica, como a infraestrutura, a mobilidade do capital, os fixos e os fluxos, entre outros condicionantes basilares da constituição do território.

São inúmeras as possibilidades de análise acerca da circulação territorial e seus efeitos, sobretudo quando se considera que os elementos técnicos são indispensáveis à dinamização da circulação e constituem condição essencial para a dinâmicas territoriais. Nesse contexto, atina-se que a circulação territorial se configura como conceito teórico central nas análises da Geografia da Circulação, pois a organização territorial, a fluidez e a integração com os fixos produtivos estruturam a materialidade desses elementos.

Compreender a circulação territorial implica reconhecer que ela não se caracteriza unicamente como um elemento funcional entre os diferentes territórios, mas um mecanismo estruturante da reprodução e mobilidade geográfica do capital, que redefine permanentemente a hierarquia regional e a integração desigual dos territórios no sistema econômico global. Sendo assim, interpreta-se, com base nas acepções teóricas elencadas, que a circulação territorial constitui um elemento teórico fundamental, na medida em que se anuncia como fenômeno determinante para a interpretação do desenvolvimento econômico e territorial, ainda carente de aprofundamento nas pesquisas geográficas.

Nesse âmbito, acrescenta-se, numa perspectiva empírica, os desafios para efetivar a circulação territorial, os quais derivam, em grande medida, da ausência, da insuficiência ou da precariedade das infraestruturas de transporte e/ou comunicação. Estas limitações podem resultar no isolamento relativo de determinados territórios ou mesmo em sua inviabilidade frente às exigências de fluidez.

Tal condição, por sua vez, revela-se como fator primordial de análise para a alocação de investimentos de capital, evidenciando a centralidade da circulação na organização e na diferenciação territorial. Além disso, ao relacionar-se intrinsecamente com a lógica da acumulação capitalista, esse conceito permite apreender como os territórios são hierarquizados, integrados ou marginalizados, em função da maior ou menor capacidade de materializar fluxos de circulação.

Sumariamente, conclui-se que o conceito de circulação territorial constitui um eixo teórico e analítico indispensável para a Geografia, na medida em que integra dimensões materiais e imateriais do espaço, revelando-se fundamental para compreender tanto a organização territorial quanto as dinâmicas do desenvolvimento econômico, espacial e social. A circulação territorial, ao integrar fluxos e fixos, evidencia a fluidez como condição estruturante da produção do espaço, conectando infraestruturas, técnicas, capitais, pessoas e informações, gerando comunicação por onde passa em escalas que vão do local ao global.

Portanto, pensar a circulação territorial é pensar a própria essência da integração territorial contemporânea: territórios em constante transformação, atravessados por redes, marcados por desigualdades, mas também dotados de possibilidades de integração que se renovam cada vez mais no contexto da mundialização e do meio técnico-científico-informacional.

4 Conclusões

A principal contribuição conceitual que este artigo busca oferecer à Geografia reside na elevação da circulação territorial a um conceito teórico e analítico indispensável, que integra as dinâmicas espaciais contemporâneas para além da simples noção de deslocamento.

O texto busca emergir a discussão reconhecendo que, no âmbito da Geografia, a circulação territorial manifesta-se, em primeiro lugar, como expressão que promove a ação que gera movimento, deslocamento, mobilidade, efeito de circular em diferentes sentidos gerando comunicação, seja relativa a elementos tangíveis ou intangíveis, cuja fluidez depende dos fixos.

A circulação territorial, assim, não é apenas um processo ou ato de ir e vir, mas um processo que se distingue por sua intencionalidade. Esse processo produz consequências de caráter múltiplo que revelam seu poder para os processos de integração em movimento. Assim, oferece uma leitura crítica que vai além da simples efetividade do trajeto de um ponto a outro, uma vez que promove interação, informação, desenvolvimento, desigualdade, exclusão, inclusão, mobilidade, imobilidade, seletividade etc.

Destaca-se ainda que, para a Geografia, a importância da circulação territorial é o fato de se constituir como um mecanismo estruturante do espaço e das dinâmicas socioterritoriais. Pois, ao partimos do princípio de que "a circulação é uma das bases de diferenciação geográfica", manifestando-se de forma incontornável nas perspectivas econômica, comunicacional, política, social e espacial, a entendemos como um componente essencial da própria organização dos territórios.

Dentro dessa lógica, está a relação indissociável entre fixos e fluxos, que é crucial para situar a circulação territorial como um fundamento conceitual que integra a combinação entre fixos (infraestruturas, sistemas técnicos, bases materiais) e fluxos (pessoas, mercadorias, capitais, informações). Os fixos condicionam, possibilitam e limitam os fluxos, sendo transformados por eles e vice-versa. Os fixos são modificados pelos fluxos, mas os fluxos também se modificam ao encontro dos fixos (Santos, 2008, p. 83).

Soma-se ainda, que a circulação territorial se encontra organicamente involucrada aos mecanismos de reprodução do capital, relacionada diretamente com a lógica da mobilidade, que é essencial à mobilidade geográfica do capital, e com o processo de compressão espaço-tempo associado à valorização capitalista. Essa integração permite apreender como os territórios são hierarquizados, integrados ou marginalizados, redefinindo permanentemente a hierarquia entre eles e a integração desigual e seletiva dos territórios no sistema econômico global, que define aqueles que terão maior poder para circular e aqueles que terão uma circulação ou mobilidade condicionada.

Ao problematizar a relação entre dimensões materiais e imateriais, o conceito revela a circulação territorial não apenas como um resultado, mas como um processo e um fundamento conceitual e epistemológico que reflete a essência da integração territorial contemporânea: territórios em movimento e transformação, marcados por desigualdades, mas também dotados de potencialidades de conexão por múltiplas redes de interação em diferentes escalas territoriais e contextos do meio técnico-científico-informacional.

Contribuições dos autores (CRediT): Concepção: Ana Paula Camilo Pereira; Metodologia: Ana Paula Camilo Pereira e Sandra Lencioni; Análise: Ana Paula Camilo Pereira e Sandra Lencioni; Coleta/produção de dados: Ana Paula Camilo Pereira e Sandra Lencioni; Escrita (primeira versão): Ana Paula Camilo Pereira; Escrita (revisão e edição): Ana Paula Camilo Pereira e Sandra Lencioni; Supervisão: Ana Paula Camilo Pereira e Sandra Lencioni; Aquisição de financiamento: Ana Paula Camilo Pereira. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Disponibilidade de dados: Esta pesquisa não produziu base de dados própria. As fontes bibliográficas e documentais utilizadas estão indicadas ao longo do manuscrito e listadas nas referências.

Financiamento: Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect), processo nº 83/027.014/2024, e também integra um projeto correlacionado apoiado e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo nº 200201/2025-5.

Agradecimentos: À Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Uso de inteligência artificial: Os autores declaram não ter utilizado ferramentas de inteligência artificial de modo relevante na elaboração do manuscrito ou na realização da pesquisa.

Conflito de interesse: Os financiadores não tiveram interferência na concepção do estudo; na coleta/produção, análise ou interpretação dos dados; na redação do manuscrito; ou na decisão de publicar os resultados.

Referências

ARISTÓTELES. *Órganon*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

ARROYO, María Mónica. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. (orgs.). *Cidades médias*: produção do espaço urbano regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 71-85.

BLANCO, Jorge. Território, circulação e redes: articulações e tensões. In: ARROYO, Mônica; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. (orgs.). *Território e circulação*: a dinâmica contraditória da globalização. São Paulo: Fapesp, 2015.

BRUNET, Roger; FERRAS, Robert; THÉRY, Hervé. *Les mots de la géographie*: dictionnaire critique. Montpellier; Paris: Reclus: La Documentation Française, 1992. p. 107-108.

CATÃO, Rafael Castro; CLEVERSOM, Alexsander; MIYAZAKI, Vitor Koiti. Interações espaciais: uma reflexão temática. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 231-239, set. 2010. https://doi.org/10.14393/RCG113516340

CLOZIER, René. *Géographie de la circulation* (tome I): l'économie des transports terrestres (rail, route et eau). Norois, n. 46, p. 245-248, abr.-jun. 1965.

CORRÊA, Roberto Lobato. Interações espaciais. In: CASTRO, I. de; et al. (org.). *Explorações geográficas*: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.

FREGE, Gottlob. Begriffsschrift (escrita conceitual). In: FREGE, Gottlob. *Escritos lógicos e filosóficos*. Tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 11-80.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosbruger. São Paulo: Nova Cultural, 1994. (Coleção Os Pensadores).

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

HUERTAS, Daniel Monteiro. *Território e circulação*: transporte rodoviário de carga no Brasil. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. 443 p.

HÜCKEL, Georg August. La géographie de la circulation, selon Friedrich Ratzel (second article). *Annales de Géographie*, Paris, t. 16, n. 85, p. 1-14, 1907. https://doi.org/10.3406/geo.1907.6815

PINI, Giuseppe. La Géographie des Transports. In: BAILLY, A. S. *Les concepts de la géographie humaine*. Paris; Milão; Barcelona: Masson, 1995. p. 139-144.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo*: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SILVA JUNIOR, Roberto França da. Circulação, epistemologia e a constituição de um ramo da ciência geográfica. *Boletim Campineiro de Geografia*, Campinas-SP, v. 2, n. 3, p. 389-417, 2012. https://doi.org/10.54446/bcg.v2i3.78

STOCK, Mathis. A practice-based approach to the conceptualisation of geographical mobility. *Belgeo*, n. 1-2, 2005. https://doi.org/10.4000/belgeo.12415

STOCK, Mathis. Les sociétés à individus mobiles: vers un nouveau mode d'habiter? *EspacesTemps*, 2005.

URRY, John. *Mobilities*. Cambridge: Polity Press, 2007.

WOLKOWITSCH, Maurice. *Géographie des transports*. Paris: Armand: 1973.

SOBRE A AUTORIA

Ana Paula Camilo Pereira

Docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Geografia e na graduação em Geografia, em Campo Grande-MS. Pós-Doutora em Geografia pelo Centre de Recherche et de Documentation sur les Amériques, em 2025. Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e estágio de Doutorado Sanduiche na Université Sorbonne Nouvelle Paris III, em 2014. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, em 2010. Graduada em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados, em 2007. Atua na área de Geografia Econômica e Regional, com ênfase em pesquisas sobre transportes. Bolsista Produtividade Fundect/CNPq (PQ2).
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4963-4173
E-mail: apaulacape@uems.br

Sandra Lencioni

Professora Titular Aposentada do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP é pesquisadora Bolsista Produtividade 1A do CNPq. Toda a sua formação se deu na Universidade de São Paulo. Desenvolveu seu pós-doutorado na Universidade de Paris I, Pantheon-Sorbonne e tem o título de livre-docente, pela USP. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Regional, atuando principalmente nos temas: teoria da região, metrópole, indústria e São Paulo. Bolsista Produtividade do CNPq (PQ-1A).
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3473-0880
E-mail: slencion@usp.br